



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NETO, A. R. Amor: um mito contado pelo corpo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

AMOR: UM MITO CONTADO PELO CORPO

Akim Rohula Neto

Resumo

Demonstrar a dimensão corporal ou, somático-emocional do amor através de sua ligação com os mitos pessoais é o objetivo deste artigo. Compreender a realidade somática dos mitos enquanto histórias pessoais e corporais e como o amor é fruto deste processo para auxiliar a auto-compreensão e o auto-conhecimento da história de amor de cada um, ou o amor pessoalizado.

Palavras-chave: Amor. Corpo. Mito.

1. Introdução

O amor e o mito são duas palavras que existem em nossa cultura e são entendidas muitas vezes de maneiras errôneas e distorcidas. Mito geralmente traz a conotação de uma história mentirosa enquanto o amor está ligado com a metafísica, tido como uma entidade: o amor. Pode-se compreender ambos os termos de uma perspectiva mais humana e física. Não reducionista, mas concreta e que assim torna-se mais compreensível.

2. Desenvolvimento

O amor. O que é o amor? Esta é uma pergunta feita por muitas pessoas em diferentes situações e com diferentes propósitos. De fato parece não haver resposta para tal pergunta o que muito inquieta as pessoas. Filosoficamente, esta é uma pergunta que pode-se classificar como metafísica, ou seja, de uma ordem que trabalha com conceitos que estão além do físico. Assim, o amor torna-se algo do imaginário, não-concreto, quase uma entidade à parte do ser humano. “O amor é, na maioria das vezes, descrito antes de maneira idealizada e filosófica do que experiencial.” (KELEMAN, 1996, pg 13)

Os mitos são tidos pela sociedade contemporânea como simples histórias. Histórias que não aconteceram de verdade e que serviram como armas de uma tida ideologia para segurar as massas. “Mito normalmente é definido como um conjunto de mentiras sobre algo que não pode acontecer.” (HARTSHORN, 1998, pg 221) Assim como o mito e o amor, o corpo nestes dias é tido como um “algo”, como uma posse. “Meu corpo”, diz-se. Entende-se que a dimensão do corpo deve



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NETO, A. R. Amor: um mito contado pelo corpo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

ser dominada e controlada para que se possa aumentar a produção. Este tipo de atitude para com a biologia do corpo retira o ser humano do único lugar qual ele sempre esteve: no corpo. Afasta o homem de sua raiz biológica e traz inconvenientes para a vida emocional quando não conseguimos nos comunicar com nós mesmos em termos biológicos. Nós criamos um afastamento da verdade somática que nos cerca e preferimos discurso metafísico com entidades. É assim com o corpo, com os mitos e com o amor. Keleman (1994, p. 15) descreve:

Nosso tempo se caracteriza por uma confusão sobre como viver. As formas contemporâneas de racionalidade dessacralizaram nossa vida emocional. Descobrimos que a realização no plano das idéias não necessariamente traz a satisfação emocional. Negligenciamos nossa realidade emocional e a fonte de nossa autonutrição: nossos corpos. A psicologia e a filosofia modernas não caminharam o bastante. Ao enfraquecerem os mandamentos, os “não deverás”, elas foram incapazes de nos dizer como proceder.

Esta colocação mostra duas realidades: a primeira é de que a sociedade não conhece a noção de vida biológica, a segunda é que as ciências que estudam o comportamento não conseguem dar uma perspectiva mais positiva sobre como viver. Assim, Keleman propõe uma outra perspectiva. Nesta perspectiva é importante conhecer um pouco sobre o que é o corpo. Usualmente ele é a “maquina humana”. Tido como um simples “componente” de um outro algo chamado ser humano. Compreende-se o corpo utilizando-se pronomes possessivos, cria-se um distanciamento do corpo, nós aqui, o corpo lá, pode-se dizer. Entretanto a perspectiva somático-emocional compreende esta realidade de uma forma diferente. Compreende-se que não se “tem” um corpo, mas que se “é” um corpo. Ou seja não se possui um braço ou uma perna, se “é” um braço ou uma perna. A importância desta proposição é que existe um comodismo em pensar em termos de possuído, mas existe uma realidade ao pensar em termos de ser algo. Ser um corpo é ser suas vibrações, é ser suas dores e seus prazeres. Viver presentificado no corpo é ser um organismo biológico em processo, que muda. Assim, a Psicologia Formativa propõe que não temos corpos, somos nossos corpos. Esta mudança de ponto de vista mostra um comprometimento e uma diferenciação com a vida biológica que nossa sociedade não está acostumada.

Aproxima-se do corpo quando se é e não quando se tem um corpo. O mesmo raciocínio vale para o que acontece no corpo. Se somos o corpo, o que acontece nele não é algo que nos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NETO, A. R. Amor: um mito contado pelo corpo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

pertence, mas sim algo que somos. Não existe uma dor de cabeça que somos, nós somos aquela dor de cabeça, nós somos uma ansiedade, nós somos uma paixão, nós somos o amor. O amor é um estado do corpo. Um tipo de forma corporal que possuímos para gerar, principalmente, contato e conexão com outras pessoas. O amor gera proximidade, esta é sua função. Nós somos amor e não temos amor, ou então o amor não nos tem, nós somos ele. Não existe uma entidade chamada amor que “cai” na cabeça das pessoas, mas sim um estado de organização tissular (tecidos orgânicos: músculos, pele, órgãos, sangue) que vibra numa certa intensidade de modo a gerar contato e conexão. Contato e conexão, assim como excitação são conceitos kelemanianos que requerem explicação. Excitação é o estado de vibração do organismo. Longe de ser um conceito metafísico, ele direciona o olhar para o estado das células. Células vibram, esta vibração entendida no organismo como um todo gera o conceito de excitação, é a vibração, a qualidade de vibração que se cria no organismo. Pode-se ter um organismo excitado para ação, para o repouso, pode-se identificar a excitação como uma sensação, uma emoção ou um sentimento. Contato e conexão são dois conceitos próximos. Contato é a forma pela qual o organismo “liga-se” com alguma coisa, é uma maneira de se aproximar e penetrar numa experiência, este penetrar na experiência é a conexão, é o como o organismo cria uma conexão entre si e uma experiência (interna ou externa). Uma metáfora explicativa: quando acionamos a internet estamos “conectados” a rede, não precisamos fazer necessariamente nada além disso, mas podemos criar “conexão” com algum amigo e conversar com ele, por exemplo, ou ver o e-mail do dia.

Voltando ao amor, ele cria estas experiências de contato e conexão. A intensidade e qualidade deles variam de acordo com a pessoa ou as pessoas que estarão vivendo a experiência. Mas o fato é que este fenômeno ocorre. O amor então pode ser experienciado de um outro lugar, ou seja, do corpo. Assim, compreende-se que o amor em si é um fenômeno que longe de metafísico é bem concreto. Sua dimensão corporal, somático-emocional é mais palpável. Sente-se o amor no corpo, no corpo ele acontece. A vibração, o tônus muscular o fluxo de sangue mostram que mudanças ocorreram no corpo ao conjunto destas mudanças, dá-se o nome de amor. Esta perspectiva entretanto, não entende apenas o processo bioquímico envolvido, mas sim que este processo bioquímico é um processo emocional ao mesmo tempo. Ou seja, existem duas realidades ao mesmo tempo o “somático-emocional”. Assim cria-se este vínculo somático com a emoção amor, ela torna-se uma experiência viva e mutante, “o amor é uma verdade corporificada, uma realidade somática.” (KELEMAN, 1996, p. 13)

Assim amor e corpo unem-se enquanto um processo vital e uma realidade corporal,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NETO, A. R. Amor: um mito contado pelo corpo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

somática e emocional. E os mitos? Qual a relação dos mitos com o corpo e com o amor?

Como descrito acima, os mitos são tidos como mentiras que não podem ter acontecido. A perspectiva da coletividade é de que são apenas estórias. Em um ponto isto é correto, são estórias, mas a implicação emocional que elas possuem afastam-nas da categorias de “apenas estórias”. Carl Gustav Jung trabalhou com os mitos de uma forma não-convencional: ele compreendeu que as estórias contadas representavam mais do que o que se lia. Na verdade eram avisos, conselhos, metáforas a respeito de conhecimentos e experiências adquiridas por uma cultura ao longo de décadas ou até mesmo séculos. Assim, os mitos funcionam mais do que uma estória de ninar, mas como uma forma muito poderosa de educação por exemplo. Os mitos contam às pessoas estórias sobre a sua própria cultura. Sobre o que é importante e o que é supérfluo, sobre dores e prazeres, responsabilidades e deveres. “Um mito é uma metáfora. Ao examinarmos mitos e construirmos os nossos próprios, compreendemos o que é importante para nós” (HARTSHORN, 1998, p. 222).

“Para mim, a mitologia é uma função da biologia (...) um produto da imaginação do soma. O que nossos corpos dizem? E o que eles estão nos contando? A imaginação humana está enraizada nas energias do corpo. E os órgãos do corpo são os determinantes dessas energias e dos conflitos entre os sistemas de impulso dos órgãos e a harmonização desses conflitos. Esses são os assuntos de que tratam os mitos.”(CAMPBELL, in KELEMAN, 1996, p. 25) A perspectiva somático-emocional aponta os mitos como uma função biológica. O que isto quer dizer? O comentário de Campbell acima elucidada a questão de uma forma muito completa. Ora, somos um corpo. Este corpo vive, pulsa, tem experiências no seu dia-a-dia. Chora, ri, lamenta, expande-se e se contrai, eleva-se, pesa sente dores e prazeres. Todas estas sensações que se organizam em emoções são experiências somáticas. Elas acontecem no corpo. O corpo vive as emoções, é nele que ela acontecem. Assim, toda uma vasta rede de tecidos orgânicos comunicam-se formando a base na qual vivemos nossas emoções, nós criamos formas corporais para vivermos nossa vida emocional.

Então somos este corpo, este “turbilhão” de eventos acontecendo ao mesmo tempo no lado de dentro de nossa pele. Estes eventos necessitam de uma certa organização, necessitam de continente, de limites. O corpo se dá estes limites e organização no córtex. É neste lugar que as informações que o corpo gera são agrupadas e organizadas, é aqui que a experiência recebe limite e contorno. É aqui que ela é transformada numa imagem, em algo que possamos lembrar. Estes muitos eventos são organizados então no córtex e então, cria-se imagens e lembranças do



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NETO, A. R. Amor: um mito contado pelo corpo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

que aconteceu no corpo numa situação, num evento. Gera-se um estória sobre o que aconteceu, sobre o evento ou sobre uma série de eventos que aconteceram sobre o mesmo tema. Então tem-se muitas estórias sobre amor, raiva, errar, acertar, sofrer, ter prazer e outras sensações e emoções vividas.

Mito é uma estória. Entender o mito como um processo corporal é compreender que esta estória é gerada no corpo. Mito é uma metáfora. Entender esta metáfora como corporal é compreender que a estória que contamos diz-nos como nos organizamos para viver as experiências pelas quais passamos. Esta é a nossa metáfora. Contar uma estória representa contar o como nós vivemos a experiência. O que levamos desta experiência, quais os efeitos que esta experiência teve em nós? Estas são as informações que se criam quando contamos estórias. O mito corporal é a essência de nossa evolução. Quando compartilhamos estórias e quando ouvimos o seu aprendizado, podemos questionar a maneira pela qual se deram os eventos da estória, a maneira pela qual a estória evoluiu e se concretizou. Enfim, a maneira pela qual a experiência foi vivida. Keleman (2001, p. 25) diz: “o corpo é dado. O mito é dado a partir do corpo.” A experiência mítica é vivida no corpo, é uma experiência biológica que se traduz em palavras e imagens, estas imagens como descreve Campbell citado acima diz são oriundas do soma, da vivência de nossos tecidos, ou melhor, de nós enquanto tecidos. A experiência tissular se mostra à consciência em forma de imagens e isso cria a experiência mítica, das estórias que são contadas no corpo, ao corpo pelo próprio corpo.

Assim encarado, o mito deixa de ser uma estória, uma mentira que não pode acontecer e torna-se uma verdade somática, uma experiência concreta de nossas próprias células. Assim como a experiência do amor, o mito enraíza-se na biologia do corpo e torna-se pessoalizado. Torna-se pessoal. A idéia é viver os seus próprios mitos, sua própria estória biológica, sua realidade somática e emocional. Existem as imagens somáticas, elas são geradas no próprio corpo e se referem ao próprio corpo, é uma função biológica o corpo cria a função de contar a si de si mesmo por isso é importante a vivência das imagens, vivê-las ao invés de interpretá-las. “Mas o que acho fundamental é experienciar a imagem somática.” (KELEMAN, 2001, p. 57) O corpo, o amor e os mitos é o ser humano. A idéia é de que o ser humano é um processo biológico, uma realidade somática emocional, assim o amor e os mitos são também uma realidade somática e emocional, o amor e os mitos são um tipo de função desta biologia, criada por ela para ela. A necessidade de gerar proximidade, contato, calor, prazer e aprendizado criam as funções biológicas e o corpo responde à isso. No livro “Anatomia Emocional”, Keleman coloca que o corpo



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NETO, A. R. Amor: um mito contado pelo corpo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

procura resposta do ambiente, nós criamos nossas funções para sermos mais adaptados, para termos mais poder de resposta frente ao mundo.

3. Conclusão

É fato, desde a época de Reich que a sociedade menospreza a realidade do corpo, foge dela, a teme e tenta escondê-la. Viver uma vida biológica entretanto, não necessita que caímos no oposto extremo da racionalidade e tornemo-nos selvagens. Ao contrário, a proposta não é esta, mas sim de que se possa viver a realidade somática de um modo digno e responsável. A psicologia formativa nos mostra que não precisamos viver nem no social nem no instinto puro, mas sim num meio termo entre estes dois lugares, podemos viver personalizados, personificados, com um self corporal maduro e que compreende sua existência entre estes dois mundos, o social e o das vísceras. Assim, a idéia de vivermos somaticamente, mostra que as emoções são funções de nossa biologia, são determinantes de afeto e proximidade, os mitos são funções de nossa biologia, nos inclinam ao conhecimento, a ver a estória que se vive.

O mito do amor é a maneira pela qual se experiencia as estórias de amor. O mito do amor pessoal, o mito de como foram vividas as estórias de amor de uma pessoa. Mitologia e amor se entrelaçam quando se decide compreender e modificar suas próprias experiências amorosas, como dito acima, o importante é viver as imagens. Presentificar-se e tomar nas mãos as imagens vividas para poder fazer algo com elas. A experiência do amor é a experiência do amor adulto, viver o mito do amor pessoal é viver as estórias de amor como um adulto, sabendo-se como um corpo, um ser biológico e não uma entidade que possui uma biologia. É compreender o amor como um processo enraizado na biologia do ser e os mitos amorosos como uma forma de aprender com este processo. Viver sua realidade somática, sua estória de amor é viver com dignidade e de maneira pessoal os seus próprios mitos. A relação do mito com o corpo é a mesma da do amor. Ambos são processos, funções biológicas que auxiliam o ser a adaptar-se e gerar respostas no mundo. A relação do mito com o amor é que o amor é uma experiência do corpo e o mito é a função que organiza as experiências, é no mito que as experiências se organizam, então, o mito auxilia a organizar a experiência amorosa. São duas funções que se entrelaçam e se comunicam com o objetivo de melhor adaptar o organismo.

Assim, a vida somática pode ser tomada de um outro jeito, de uma outra forma. Viver nossa realidade somática é entender este processo como um processo biológico e mutável, sem



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NETO, A. R. Amor: um mito contado pelo corpo. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais**. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

respostas fixas e com muitas oportunidades de acontecer de formas diferentes. “O amor é uma verdade corporificada, uma realidade somática”, “o nosso objetivo como seres individuais corporificados é manifestar o processo somático como uma experiência mítica.”

REFERÊNCIAS

KELEMAN, S. **Realidade somática**. São Paulo: Summus, 1994. KELEMAN, S. **Amor e vínculos**. São Paulo: Summus, 1996.

KELEMAN, S. **Mito & corpo**. São Paulo: Summus, 2001. HARTSHORN, J. **Vampiro: a idade das trevas**. São Paulo: Devir, 1998.

Akim Rohula Neto / Curitiba / PR / Brasil
E-mail: akim@uol.com.br